

A globalização de cada um

Deslocamentos de população sempre houve, desde o início da humanidade. E também pessoas que deixaram a terra de origem para recomeçar a vida em outros lugares. Mas nas últimas décadas do século XX o fenômeno se intensificou, por causa da globalização econômica e de uma série de conflitos localizados, além do desenvolvimento desigual das várias regiões do mundo.

Entre 1985 e 1990, o número de habitantes do planeta cresceu 1,7%, enquanto o total de imigrantes aumentou a uma taxa de 2,6%.

Atualmente, existem cerca de 175 milhões de pessoas vivendo em países diferentes daqueles em que nasceram, o que equivale a 3% da população mundial (algo como toda a população brasileira), o dobro do que havia na década de 1970.

Raízes da intolerância

O país que conta com o maior número de estrangeiros morando em suas fronteiras são os Estados Unidos (EUA), onde vivem atualmente cerca de 35 milhões de pessoas que não nasceram ali (ver gráfico acima). Na Europa Ocidental e na América do Norte, os estrangeiros correspondem a 10% da população. Em média, os imigrantes compõem 8,7% da população dos países industrializados, contra apenas 1,5% nos menos desenvolvidos. No entanto, as nações que contam com a maior proporção de estrangeiros estão no Oriente Médio: Emirados Árabes Unidos (74%), Kuwait (58%), Jordânia (40%) e Israel (37%).

O fato é que boa parte dos imigrantes foi estimulada a trocar o mundo pobre



*Inclui refugiados. Dados de 2000. Fonte: ONU/International Migration Report/2002

peelo rico. Durante a década de 1970, quando o sistema de seguridade social garantido pelo Estado, chamado de welfare state (estado do bem-estar social), oferecia boa rede social e generosos seguros-desemprego, diversos países europeus incentivaram a vinda de imigrantes, principalmente de suas ex-colônias, para desempenhar tarefas que os nativos não queriam mais fazer. Mas, a partir da década seguinte, com a adoção de políticas econômicas neoliberais e a consequente diminuição do tamanho do Estado, cresceram as taxas de desemprego. Com isso, tarefas como limpeza pública e serviços domésticos, até então relegadas a estrangeiros, começaram a ser disputadas pelos filhos da terra. Antes bem-vindos, os imigrantes passaram a ser encarados com hostilidade, e os sentimentos de xenofobia e racismo, que pareciam em declínio, voltaram a se intensificar. A chegada do político direitista Jean-Marie L  Pen ao segundo turno nas eleições francesas de 2002 sinalizaria claramente um processo de revisão da tolerância à imigração das décadas anteriores.

Leis restritivas

Na Dinamarca, por exemplo, foi aprovada uma lei que proíbe que um dinamarquês se case com alguém que não pertença a União Europeia (UE) se tiver menos de 24 anos. E a UE planeja criar uma polícia supra-nacional de fronteiras e um arquivo central de impressões digitais (exigência que já faz parte do ritual de entrada de estrangeiros na Itália). A partir de janeiro de 2004, quem chegar aos EUA com visto de turista será fotografado e terá as impressões digitais coletadas em um computador. O endurecimento na fiscalização norte-americana é resultado direto dos atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. O objetivo é diminuir a entrada de imigrantes ilegais

Nos últimos anos, a defesa das restrições à imigração deixou de ser uma bandeira apenas dos partidos de extrema direita. Agremiações menos radicais têm adotado posturas contra a entrada de estrangeiros em seus países. Em 2001, como resultado dessa nova postura política, 44% das nações desenvolvidas possuíam políticas de imigração criadas com o objetivo de

reduzir e selecionar a entrada de estrangeiros — priorizando profissionais mais qualificados, para suprir a demanda exigida por empresas de alta tecnologia.



Fuga de cérebros

Esse fenômeno, conhecido como "fuga de cérebros", principalmente em direção aos EUA, gerou outro tipo de imigração, mais danosa aos países menos desenvolvidos, que vêem seu quadro mais qualificado partir. Raros são os que retornam. No início da década de 1990, quando esse fluxo se tornou mais intenso, 62% dos doutorados em engenharia em universidades norte-americanas eram estrangeiros — a maioria asiáticos vindos da Índia, China e Coreia do Sul. A dissolução da antiga União Soviética (URSS) também gerou uma imensa diáspora de cientistas em busca de melhores condições de trabalho.

As restrições à imigração atingiram igualmente os refugiados políticos. Entre 1999 e 2000, por exemplo, os países que integram a União Europeia receberam 315 mil pedidos de asilo político, mas foram concedidos apenas 27 mil vistos de permanência. No entanto, para manter estável sua população economicamente ativa, a UE precisará acolher de 44 milhões a 700 milhões de estrangeiros até 2050, segundo estimativa da ONU, dependendo de seu crescimento demográfico.

Fabricando refugiados

Em 2001 havia 16 milhões de refugiados políticos no mundo, a maior parte na Ásia (9 milhões) e na África (4 milhões), de acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU). Os grupos mais numerosos eram de palestinos, espalhados por Jordânia, Israel, Síria e Líbano, e de curdos, vivendo na Turquia, Iraque, Ira e Síria. Ambos os povos não têm um país independente e contribuem para manter o movimento migratório na região. Na África Subsaariana, uma sucessão de conflitos brutais nas últimas décadas gerou uma torrente de refugiados. Congo, Ruanda, Uganda, Somália, Sudão, Eritreia e Etiópia encontram-se no epicentro desse ciclo sem fim de guerras tribais. Na América Latina, o pior problema é o da Colômbia, onde a guerrilha está ativa há 40 anos. Nas décadas de 1970 e 1980, conflitos em países da América Central (Nicarágua, El Salvador e Guatemala) geraram centenas de milhares de refugiados.



Com as restrições ao asilo político, cresceu o número de refugiados internos, pessoas que tiveram de

sair de sua casa e de seu território por motivos de guerra civil ou perseguição política sem conseguir cruzar a fronteira do país. O Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur) estima que de 20 milhões a 25 milhões sejam refugiados políticos em seu próprio país.

Outro enorme contingente de imigrantes cresceu na última década: os ilegais. O trânsito de clandestinos é estimado em 5 milhões nos EUA e em 8 milhões na UE.

Uma idéia disseminada entre os países contrários aos imigrantes é que, além de tomar-lhes o emprego, eles teriam acesso aos benefícios sociais, mas não contribuiriam para a economia local, uma vez que remetem à região natal a maior parte do que recebem.

Efeitos e causas

De fato, mais de 10% do PIB de países como Albânia, Bósnia-Herzegovina, Cabo Verde, El Salvador, Jamaica, Jordânia, Nicarágua, Samoa e Iêmen provinha do envio de dinheiro de imigrantes, calculado em 62 bilhões de dólares num estudo da ONU, em 2002. Mas uma das causas da imigração é a desagregação das sociedades tradicionais provocada pelas potências capitalistas. Ao receberem os imigrantes, os países do Primeiro Mundo, que são 15% da população mundial, estariam pagando uma fração da dívida social que contraíram em suas antigas colônias e territórios dependentes

Papa condena racismo e xenofobia contra imigrantes

O papa João Paulo 2º condenou hoje "o racismo, a xenofobia e o nacionalismo exagerado", e conclamou a comunidade internacional a combater "todas as formas de discriminação, rejeição e marginalização". O pronunciamento foi feito por ocasião do Dia Mundial da Migração e dos Refugiados.

Em sua mensagem, preparada para a 89ª - Jornada Mundial sobre a Imigração, que será celebrada no próximo ano, João Paulo 2º exortou as comunidades a "passarem da mera tolerância para o respeito real pelas diferenças". (...)

O papa advertiu que os mais vulneráveis são "os emigrantes sem documentos, os refugiados, os que buscam asilo, os que fogem de conflitos violentos e as vítimas – a maioria mulheres e crianças – do tráfico humano". (...) fez um pedido em favor dos imigrantes (...) milhares de filipinos (...).

Mais de 20 mil pessoas protestaram no sábado (30) em Turim (norte da Itália) contra a nova lei de imigração, mais restritiva, adotada pelo Parlamento em setembro passado.

Refugiados — Segundo o cardeal japonês Fumio Hamao, presidente do Conselho Pontifício para os migrantes, 50 milhões de pessoas no mundo vivem como refugiados em seu próprio país.

Para o prelado, nos próximos 25 anos, dezenas de milhões de pessoas vão ter que emigrar devido a mudanças climáticas, como por exemplo a desertificação e o aumento do nível do mar.

O Vaticano declarou que, depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, foram adotadas leis mais severas contra os emigrantes e os refugiados nos

países mais desenvolvidos.

"O clima político mudou em detrimento dos migrantes e refugiados", afirmou o cardeal.

"Depois de 11 de setembro de 2001, por temer o terrorismo, os governos começaram a promulgar leis cada vez mais severas para manter a ordem e a segurança. Adoraram normas restritivas para o asilo, uma instituição tradicional na legislação internacional", acrescentou. (...)

Folha On-Line,
2 de dezembro de 2002